

Os crânios do cemitério do Vale Superior do Walbrook:

tafonomia e ritos

The skulls from the Upper Walbrook Valley cemetery: taphonomy and rituals

RESUMO

A presença de uma grande quantidade de crânios humanos desarticulados em canais aterrados no vale superior do rio Walbrook está atestada desde o séc. XIX. Desde então, surgiram várias teorias para explicar a desproporção daquela parte anatômica na assembleia estudada. Em 2015, a publicação do relatório que une os resultados de seis escavações realizadas entre 1987 e 2017, no cemitério do vale superior do Walbrook, ao norte de Londinium, indica que a tafonomia pode explicar o fenômeno dos crânios. Interpretações prévias que envolviam rituais de desmembramento, 'caça à cabeça' e decapitações, são porfiadas pela prova forense, que indica que a aguda erosão das sepulturas e o deslocamento de restos humanos causados pelas correntes de água são responsáveis pelo processo de deposição. Este artigo-revisão almeja contextualizar os resultados, ao adicionar-lhes outros ainda complexos aspectos, relacionados aos crânios do Walbrook e aos rituais mortuários dos bretões.

Palavras-chave: Crânios do Walbrook – Londinium – Tafonomia – Ritos mortuários – Britannia

ABSTRACT

The presence of a large quantity of disarticulated human skulls in the buried streams of the upper valley Walbrook has been attested since the 19th century. Since then, there have been several theories to explain the disproportion of that part of the body in the studied assemblage. In 2015, the publishing of the report drawing together the results of six excavations carried out between 1987 and 2007 in the Upper Walbrook Valley Cemetery to the north of the Londinium borders, indicates that taphonomy may explain the crania phenomenon. Previous interpretations involving dismembering rituals, headhunting and decapitations are disputed by the forensic evidence indicating that acute burial erosion and displacement of human remains caused by water currents are responsible for the deposition process. This revision article aims to contextualize the results by adding to them other still complex aspects related to the Walbrook skulls and the Britons' mortuary rituals.

Keywords: Walbrook skulls – Londinium – Taphonomy – Mortuary rituals – Roman Britain

* Pós-Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), Brasil. Doutor em História Cultural pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP), Brasil. Professor Adjunto III de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CV: <http://lattes.cnpq.br/7412948164735713>



Nos suplementos científicos dominicais, em inúmeras ocasiões, as manchetes de jornais e de tabloides, no papel e/ou via internet, permitem entrever qual tipo de “revelação” mais chama a atenção do “grande público”. Quando o assunto da manchete é ligado à Arqueologia, pode-se imaginar que algum trabalho científico de peso foi concluído ou alguma grande descoberta foi feita, mas tesouros devem estar, de algum modo, envolvidos. Já se debate, há muito, o que os arqueólogos gostariam de ver divulgado, em vez do que compreendem ser os frutos sensacionalistas da imaginação hollywoodiana, a la Indiana Jones. No embate, é frequente que os pesquisadores acabem resignados ou frustrados. Porque, se é para alcançar (e caçar) um amplo público, os tabloides parecem conhecer melhor o caminho das pedras ou o dos tesouros. Mas nem sempre a grande atração se restringe às riquezas achadas num ou noutro sítio. Curiosamente, os massacres, quando perpetrados há muito tempo, também logram mobilizar corações e mentes dos leitores mais curiosos, sem ferir muitas suscetibilidades. Aparentemente, a distância temporal entre os objetos escavados e nosso mundo ajudaria a mitigar algum desconforto com o tema da morte violenta. Assim sendo, notícias de descobertas de valas comuns, resultados de grandes massacres no Mundo Antigo, são um chamariz quase irresistível. Se há mutilações, decapitações, a atração torna-se estelar e as vendas também e, é bom lembrarmos outra vez: a internet é um meio extremamente eficaz de difusão dessas “tragédias” antigas. O tétrico vende.

Talvez esse apelo ajude a explicar o grande sucesso de mídia que algumas cabeças obtiveram na Inglaterra, mais precisamente, amontoados de crânios, inexplicavelmente sem seus corpos à vista. Mais, crânios decepados ou com traumas assustadores. Junte todos esses crânios à hipótese de que seriam o resultado mórbido de um verdadeiro culto milenar à cabeça decepada, obscuro e sub-reptício. Ou, ainda, são essas as vítimas da revolta de Boudica! Vítimas romanas ou bretãs, tanto faz. Uma simples busca na internet por notícias dos crânios ou das cabeças decepadas da época em que a ilha era uma província romana, usando termos como “Walbrook skulls”, ou “Walbrook headhunting”, apresentará dezenas de manchetes, mais ou menos sensacionalistas sobre o tema que, aliás, não é novo e tem sido tratado pelos jornais desde o séc. XIX, movidos, então, pelos trabalhos dos ávidos antiquários vitorianos. Na ilha toda se pode achar tais crânios sem corpos, mas é em Londres que alguns dos encontros com essas anomalias mais excitam a imaginação do público tido como leigo, mas também, a dos pesquisadores.

A maior parte desses amontoados de crânios desarticulados localizados em Londres foi encontrada em escavações realizadas nas proximidades de onde existiu, até o séc. XIX, um rio chamado Walbrook. Hoje desaparecido, o rio foi um marco importante no relevo do assentamento da cidade de Londinium, como ficou conhecida Londres, em alguns momentos, pelos romanos, seus fundadores¹. Os crânios ou as cabeças decepadas do Walbrook são elementos corriqueiros nas manchetes dos tabloides ingleses. O fascínio ultrapassa o grande público e resiste, com vigor, na academia. Até hoje os arqueólogos se veem às voltas com a

¹ *Londinium* teria sido fundada por volta de 50 d.C. (Mattingly, 2006/7, p. 265), quase 10 anos após a invasão de Cláudio, levada a cabo em 43 d.C., que transformaria a ilha numa província romana por séculos.

necessidade de explicar o porquê desses crânios, em quantidade tão desproporcional aos outros ossos, encontrados, com tanta frequência, entulhados na área do antigo trajeto Walbrook. Em princípio, esses crânios são datados da época romana, dos séculos I e II d.C, na maioria das vezes. Alguns poucos seriam do período da idade do Ferro Tardio, pouco antes da chegada das legiões romanas em 43 d.C. e, ainda outros, de período romano tardio ou, até, medieval.

As hipóteses sobre as deposições das cabeças constroem-se, sobremaneira, na constatação arqueológica de abundantes depósitos votivos de objetos, de metais até restos de animais e de humanos em riachos, fossos e poços, na área pertencente à cidade romana de Londinium, no que os arqueólogos interpretam ser, potencialmente, um complexo e polissêmico sistema ritualístico dos bretões, que teria se estendido no período romano (Mattingly, 2006/7, p. 315-6). Ainda que se fale de outros objetos e sepultamentos encontrados, são os crânios que mantêm acesa a chama da curiosidade já centenária. Além de explicações de cunho ritualístico, existe, ainda, a possibilidade de envolvimento no caso dos depósitos do Walbrook fenômenos puramente tafonômicos, na aglomeração desses crânios. Não obstante ter sido considerada desde o século XIX, a hipótese tafonômica enfrenta obstáculos até o momento, alguns dos quais serão mencionados aqui.

A oportunidade de se retomar com afinco essa meada, surgiu com o lançamento do relatório final das escavações arqueológicas, realizadas de 1987 até 2007, numa necrópole situada ao norte da fronteira urbana da então Londinium, o chamado cemitério do Vale Superior do Walbrook. O relatório, publicado em 2015, do Museu de Arqueologia de Londres (MOLA) e organizado por Harward Chiz, Natash Powers e Sadie Watson, reacende a polêmica, ao mesmo tempo em que se propõe a lançar nova luz sobre a presença dos acumulados de crânios depositados ao longo do trajeto do Walbrook, vale abaixo. Sem refutar peremptoriamente os aspectos ritualísticos, em potencial, associados aos crânios e a outros objetos encontrados na região, os autores do relatório promovem uma contundente alternativa tafonômica à questão.

Num universo de tantas hipóteses e especulações sensacionalistas em torno dos crânios do Walbrook, o relatório se apresenta como importante revisão do tema, sem a presunção de esgotá-lo, ainda que reconheça ter derrubado algumas possibilidades interpretativas em evidência, até o momento da publicação. Este artigo tem o propósito de difundir os resultados do relatório do cemitério do vale superior do Walbrook, focando na questão dos crânios do Walbrook, razão pela qual ganha, em muitos momentos, certo tom de resenha, embora prefira nomeá-lo de artigo-revisão, dado que já tratei do fenômeno dos crânios do Walbrook e das cabeças decepadas em uma publicação de 2014 (Pinto & Rangel, 2014). Insiro na montagem do texto outros dados de análises, encontrados alhures, a fim de ampliar o debate e não limitar a pesquisa a uma só fonte bibliográfica. Ao fim, apresento uma proposta de futuros engajamentos com o tema, ao compartilhar com os autores a percepção dos limites do relatório, em oferecer uma solução que dê conta de toda a complexidade envolvida no comportamento dos habitantes de Londinium e em suas relações com seus mortos. Um primeiro ponto a ser abordado, antes de explorarmos o relatório, é o papel das cabeças no imaginário de bretões e romanos, nos dois primeiros séculos da era cristã.

Cabeças para bretões e romanos

Para os períodos da Idade do Ferro Tardio e romano no norte da Europa, em especial na Gália, Germânia e na Britânia, que aqui optei por chamar de Britannia, não há, até o momento, um claro consenso na literatura arqueológica, histórica ou antropológica, a respeito do real papel sociocultural que as cabeças/crânios possuíam naquele mundo denominado “celta” – termo de definição étnica por demais abrangente, de cuja complexidade não tratarei neste artigo. Sejam enquanto parte integral de um corpo humano, sejam aquelas cabeças desarticuladas, decepadas em uma execução ou, simplesmente, removidas do corpo após a morte. Em condições múltiplas: cabeças em putrefação, mumificadas ou já em forma óssea apenas, um crânio. Um dos principais problemas é que há, por vezes, certa clivagem nos campos das abordagens analíticas. Por um lado, as cabeças poderiam ter um valor/poder simbólico específico ou, antes, vários, oscilando em seus significados, de acordo com a maneira como a cabeça é observada e/ou tratada. Geralmente, este campo se presta às crenças, à magia, às multifacetadas religiosidades potencialmente envolvidas. Por outro lado, a utilização das cabeças poderia estar vinculada a aspectos funcionais no campo dos poderes sociais policialescos e político-militares, como seria o caso das execuções de inimigos, condenados e criminosos, seguidas ou não de exibição pública da cabeça desarticulada/decepada. Seguir o caminho dessa dualidade implica interpretar a cabeça (decepada ou não) ora como portadora, geradora ou inibidora de determinados poderes ritualísticos, ora como símbolo mnemônico dos poderes de outros que determinam e contextualizam sua condição à observação, geralmente separada do corpo como punição e por meio de atos que podem ser tidos como violentos.

Essa divisão conceitual pode ser problemática se aplicada à Antiguidade, ou à Britannia, quando as punições promovidas pelos governantes (romanos ou bretões) não se davam, quase nunca, destacadas dos aspectos ritualísticos de suas crenças religiosas ou, até, da de seus governados (Toynbee, 1971; Reece, 1977 apud Salway, 1984, p. 693). Mais complexa ainda fica a questão quando se adiciona a prática elusiva da “caça a cabeça decepada”. Tácito (55 d.C. – 120 d.C.) descreve o funesto destino dos crânios das legiões romanas dizimadas na batalha entre os germanos e Quintilo Varo, em 9 d.C., pregados aos troncos das árvores, como troféus para os vencedores.² Também o geógrafo Estrabão (63 a.C. – 24 d.C.), ao descrever os testemunhos do periegeta grego Posidônio, do séc. I a.C., em viagem ao sul da Gália, ressalta a conduta asselvajada dos “celtas”, que costumeiramente decepavam e coletavam as cabeças de seus inimigos para, em seguida, embalsamá-las, com o fito de fazer delas seus troféus de guerra.³ Cabe observar que, ao menos em Estrabão, não parece desvelar-se qualquer conotação religiosa imediata na coleta das cabeças, mas tão somente uma forma de subjugação marcial do derrotado (Collis, 2003, p. 215-6). Todavia, outros pesquisadores notarão que aspectos ritualísticos associados às cabeças decepadas podem nos escapar, se deixarmos prevalecer uma leitura por demais instrumentalista da prática. De fato, insistir nessa divisão cartesiana

² TÁCITO. *Ann. I*, 61. Tradução aqui utilizada: *The Annals and The Histories. Encyclopaedia Britannica*. Chicago: The University of Chicago, 1977.

³ ESTRABÃO. *Geografia*, IV.4.5 Tradução aqui utilizada: *The Geography of Strabo*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1988.

entre uso funcional e uso ritualístico pode acabar por obnubilar a complexa relação entre punição, violência e rito mortuário no mundo antigo, e o próprio termo “caça à cabeça” deve ser entendido como reducionista de um fenômeno cultural muito abrangente, que engloba variados poderes, fertilidade, status, etnicidades, gêneros, etc. (Armit, 2006, p. 2). Ademais, o culto às cabeças não era uma prerrogativa apenas dos “celtas”, pois romanos e gregos também as cultuavam, à sua maneira.

Para os romanos, as imagens, máscaras de cera que representavam os ancestrais, detinham poderes específicos que pertenceriam à mesma tradição de credo da história da prodigiosa cabeça decepada do rei etrusco Olus (ou Olenos), que teria sido encontrada sob o templo de Júpiter Capitolino no séc. III a.C. e, dotada com o dom da fala, pressagiu a futura grandeza da cidade de Roma na Itália⁴ (Henig, 1984, p. 19; Cornell, 2013, p. 45-6). E, quanto ao aspecto da cabeça como troféu de vitória militar, os relevos da coluna de Trajano em Roma deixam pouca margem para dúvidas sobre isso. Para Martin Henig (1984, p. 18), entre os “celtas”, a cabeça seria um totem bélico, dotado de poderes que permaneciam ativos, mesmo depois de sua separação do corpo do inimigo, e lembra que o “herói galês Bran, na verdade, pediu que seus seguidores o decapitassem, e sua cabeça se transformou em um talismã com a habilidade de prever o futuro”. Lloyd Laing (1981, p. 113) advoga que, se há um culto que permeia toda a superstição “celta”, esse seria o da cabeça decepada. Na Britannia, ainda que haja um grande silêncio nas fontes textuais a respeito do culto à cabeça, há registros arqueológicos que apontam para sua existência: uma moeda do rei bretão Cunobelino, onde se observa um sacerdote que carrega uma cabeça nas mãos (Salway, 1984, p. 681). Existem, ainda, esculturas de cabeças decepadas em Towcester (Toynbee, 1971, p. 148; Salway, 1984, p. 692).

O cemitério do Vale Superior do Walbrook

O cemitério do Vale Superior do Walbrook, conhecido hoje, arqueologicamente, como Upper Walbrook Valley Cemetery (doravante UWVC), ocupava o extremo norte da cidade romana de Londinium, e hoje corresponde à área imediatamente ao norte do parque londrino de Finsbury Circus, região próxima do centro econômico moderno da cidade, conhecido como City (Harward et al, 2015, p. 1-2)

O rio Walbrook, braço tributário do Tâmis, hoje totalmente soterrado, foi um marco importante no relevo de Londinium, e separava a configuração urbana da cidade no séc. III d.C. mais ou menos ao meio, no sentido norte-sul. O cemitério foi criado no séc. I d.C. e uma pequena estrada (Road 1), provavelmente com o fito de facilitar o acesso até as sepulturas e de escoar os produtos das pedreiras, foi construída para cruzar o espaço, ao início do séc. II (Idem, p.79). Na área do UWVC, o vale do Walbrook formava uma espécie de ampla várzea,

⁴ DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Antiguidades Romanas*, IV, 50-61. Tradução utilizada: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dionysius_of_Halicarnassus/4C*.html; PLÍNIO, O VELHO. *História Natural*, XXVIII, 15. Tradução utilizada: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Pliny_the_Elder/28*.html



atravessada por canais de escoamento de época pré-histórica, que sofreram alterações e adições de valas e pequenas barragens ao longo dos séculos de presença romana na Britannia. Os efeitos do escoamento planejado estiveram sempre aquém do esperado e os alagamentos aconteciam com maior ou menor intensidade em todo o período de uso na Antiguidade. O fato de ter sido usada uma área tão reconhecidamente instável para o cemitério fomenta questões a respeito da natureza da interação entre os corpos d'água e os locais de sepultamento na Britannia. Rios, lagos, turfeiras, dos famosos bog bodies (Pinto & Rangel, 2014), áreas alagadas, poços e nascentes tinham suas divindades próprias na ilha, como Sulis Minerva, em Bath, e a deusa bretã Coventina, e poderiam ser locais para a prática de sacrifícios e de deposição votiva de objetos simples ou de luxo, assim como de restos orgânicos de vítimas (Salway, 1984, p. 669-70). Talvez seja possível encontrar algum paralelo com os depósitos de grandes tesouros dedicados às divindades em lagos na região da Gália⁵ (Henig, 1984, p. 17). Ainda, a deposição de objetos em poços, fossos e lagos pode guardar alguma conotação sexual de penetração e fertilização da terra (Ibidem). Seja como for, as autoridades romanas conheciam de antemão as características do terreno e, mesmo assim, parecem ter autorizado o uso do local como cemitério. De fato, inicialmente, o Walbrook pode ter sido pensado como um canal para o despejo de dejetos industriais dos curtumes, e seu vale, ao norte, como uma área de retenção das águas provenientes de chuvas mais intensas. Seu uso como fonte de água potável não parece ter sido considerado já desde o início da ocupação romana (Harward et al, 2015, p. 78).

O UWVC sempre esteve localizado fora das fronteiras urbanas e das muralhas de Londinium – construídas mais tarde, provavelmente entre o fim do séc. II d.C. e meados do séc. III d.C. – e isso é um dado importante, pois a tradição romana preconizava que os corpos fossem sepultados para além do limite consagrado (post moerium, além muro, daí pomerium) das cidades. O mundo dos vivos e o dos mortos estavam separados, e assim deveria ser, ao menos até o advento e a predominância do cristianismo. A morte implicava alguma forma de poluição, da qual se afastavam até os deuses (Henig, 1984, p. 200). O assunto não era em nada trivial e as autoridades religiosas romanas frequentemente intervinham na maneira como os mortos deveriam ser sepultados. A preocupação em delimitar o mundo dos mortos e o dos vivos foi continuamente reiterada, desde os primórdios da república até, ao menos, os editos de Juliano (331 d.C. – 363 d.C.). As cartas de fundação fora de Roma prescreviam o mesmo zelo. Os edis eram os responsáveis, de acordo com a Lex Ursonensis,⁶ do segundo quartel do séc. I a.C., pela demolição de túmulos construídos no interior do pomerium assim como pela proteção dos sepultamentos regulares. A separação entre mortos e vivos, além de física, era social: aqueles que tinham atribuição oficial de tocar os corpos dos mortos a fim de sepultá-los (os libitinarii) não poderiam assumir cargos públicos e suas ações eram reguladas pelas leges libitinae (Pearce, 1999, p. 53-4; Cooley, 2012, p. 18).

No entanto, como pondera Peter Salway (1993, p. 492-94), esta configuração não significa que os mortos deveriam ser esquecidos. Os mortos precisavam ser constantemente

⁵ ESTRABÃO. *Geografia*, IV, 13

⁶ CIL II, 5, n. 1022, LXXIII-LXXIV. Tradução utilizada: http://www2.uned.es/geo-1-historia-antigua-universal/EPIGRAFIA/lex_ursonensis.htm

lembrados, a fim de que não se sentissem solitários nas covas. Um morto abandonado poderia se tornar muito temido pelos romanos, um fantasma! Desta forma, o local prioritário para os cemitérios estava às margens das estradas principais, o que facilitaria as visitas de viajantes e parentes aos túmulos dos falecidos, diariamente, ou em datas festivas. Esta tradição funerária teria sido aplicada, também, na Britannia. Além do UWVC, ao longo das estradas que levavam ao interior, a partir de Londinium, havia, ainda, outras três zonas densas de sepultamentos, conhecidas hoje, convencionalmente, como Eastern Cemetery, a leste, ligado diretamente ao Northern Cemetery, ao norte e o Western Cemetery, a oeste (Harward et al, 2015, p. 03).

Mais distante, à margem sul do Tâmsa, há, atualmente, estudos dos sepultamentos em uma área chamada de Roman Southwark. A maior parte desses cemitérios está em zonas de terra plana, bem drenada e o ponto fora da curva é mesmo o UWVC. Ele está localizado a cerca de 200 metros a oeste do Northern Cemetery, em local alagadiço, que quase sempre provocava deslocamento e erosão das sepulturas, o que, curiosamente, não impediu seu pleno funcionamento por alguns séculos. Estudos de fauna e de botânica mostram que se tratava de uma zona de bioma ripário, desde o momento dos primeiros sepultamentos. Cabe destacar, contudo, que os trabalhos de escoamento, malgrado ineficazes, antecederam o uso do local como cemitério. Esses trabalhos de escoamento tomaram uma dimensão industrial, mormente, somente no séc. II d.C. (Idem, p. 75-7).

As escavações no UWVC

As escavações no UWVC que constam do relatório aqui analisado tiveram início em 1987, empreendidas pelo Departamento de Arqueologia Urbana (sigla DUB, em inglês), e mais tarde foram assumidas pelo Museu de Arqueologia de Londres (MOLA), ambas entidades ligadas ao próprio Museu de Londres (MOL). Foram, ao todo, seis campanhas, distribuídas entre 1987 e 2007. Os sítios do UWVC formam um eixo leste-oeste de aproximadamente 250 metros, e de 60 metros no seu eixo norte-sul, posicionados entre o lado norte do parque Finsbury Circus e a rua Eldon, na City de Londres (zona EC2). O relatório das escavações, publicado em 2015 por Harward, Powers e Watson, designa seis subdivisões alfabéticas referentes às datas das atividades dos arqueólogos no local: A – 1987/8; B – 1989; C – 1988; D – 1991; E - 2003/4 e F – 2003 até 2007. Vestígios do período medieval não foram analisados no relatório, e todas as etapas das escavações se deram em circunstâncias de considerável restrição espacial, devido à presença de várias edificações modernas, de grande porte no local (Idem, p. 04-5).

Há registros da atividade limitada de antiquários na região superior do Walbrook no séc. XIX, sempre em busca de objetos e de restos mortais com algum valor comercial, por já saberem que ali se encontrava um cemitério romano-bretão, ainda que não se conhecesse sua real extensão e, tampouco, sua demografia. Para o propósito primeiro desse artigo-revisão, importa mencionar que foram encontrados alguns crânios desarticulados nos esgotos da rua Blomfield em 1838. Outros artefatos foram encontrados durante obras de renovação das ruas

vizinhas, em meados do séc. XIX. Mais ao sul, 17 crânios foram achados entre as camadas de sedimentos. Ao início do séc. XX, algumas observações de monitoramento de terreno foram realizadas na região do parque Finsbury Circus por Frank Lambert, mas não tiveram o peso de uma escavação arqueológica profissional, e os resultados foram publicados no volume *Archaeologia* (Lambert, 1921, 75-112). Os estudos hidrológicos e topográficos da região, pouco desenvolvidos, só ganharam maior impulso na década de 1990, após os trabalhos de Maloney (Harward et al, 2015, p. 05-7).

Desde o séc. XIX, um grande número de crânios humanos desarticulados tem sido encontrado nos sedimentos subterrâneos dos córregos do vale do Walbrook. Em certa ocasião, ao início do séc. XX, em 1905, mais de 100 foram achados em um único local de construção, sob a Finsbury House, situada à rua Blomfield. Talvez as referências a esses crânios possam remontar ao séc. XII, mas o primeiro registro arqueológico de sua existência é feito por Augustus Lane Fox (também conhecido como Pitt-Rivers), durante uma investigação num armazém para lã chamado Gooch & Cousens, em 1862 e 1866. Tal quantidade de crânios parece surpreendente, pela desproporcionalidade frente ao universo de corpos inteiros recuperados e à condição de “agrupamento” em que são encontrados. O fenômeno ganhou ares de mistério e gera, há muito, um sem número de teorias, muitas criativas, senão fantasiosas. O próprio Pitt-Rivers acreditava que as cabeças teriam sido serradas dos corpos e depositadas nas posições em que foram encontradas. Novos achados de crânios humanos desarticulados se intensificaram com as escavações do Departamento de Arqueologia Urbana nos anos 1970 na região, e seguem até hoje. Os arqueólogos envolvidos na elaboração do relatório das seis escavações recentes do UWVC se propuseram a oferecer novas teorias para explicar a desproporcional distribuição dos crânios nos depósitos próximos aos cursos d’água do período romano, agora totalmente soterrados (Idem, p. 08).

Tal desproporcionalidade está aferida em outros trabalhos anteriores, que listam os achados, desde o séc. XIX até 1981 (Marsh & West, 1981, p. 89; tabela 2). Não está no escopo desta reflexão enumerar todos os achados e suas particularidades, pois a lista é longa e detalhada, mas vale ressaltar que os crânios causaram uma série de impactos anedóticos na mídia. Nos trabalhos realizados nos esgotos da rua Blomfield, um trabalhador teria se recusado a continuar no local, aterrorizado com o que viu: mais de 12 crânios desarticulados, conglomerados num estrato solidificado de aluvião, logo abaixo do que teria sido uma estrada de período romano. Essa preponderância dos crânios deriva, possivelmente, de uma série de fatores que levam à distorção proporcional dos vestígios humanos na região do Walbrook (Harward et al, 2015, p. 08-9). Muitos dos crânios descobertos ao longo de décadas, no entanto, desapareceram. Poucos chegaram aos museus. Os antiquários podem ter passado uma ideia enviesada de suas descobertas, dando ênfase aos crânios, e não às outras partes de esqueletos encontradas nos sítios. A maior parte das interpretações dos crânios desarticulados floresceram antes das pesquisas sistemáticas da região do parque Finsbury Circus, e o UWVC, embora assinalado há algum tempo nos trabalhos arqueológicos, não foi convincentemente reconhecido como a fonte dos crânios. Até agora.

Teorias e interpretações: funções ritualísticas vs ações tafonômicas

Entre as teorias para o acúmulo de crânios ao longo do traçado do Walbrook estão as da prática de um “culto à cabeça decepada”, vinda da Idade do Ferro e associada, talvez, à caça de cabeças, removidas dos sepultamentos ou, ainda, à exposição ritualística e/ou punitiva dessa parte do corpo. Os crânios poderiam ser, também, de vítimas da rebelião da rainha dos icênios, Boudica, quando esta teria atacado os romanos e seus aliados em Londinium em 60 d.C.⁷, embora essa teoria seja posta em dúvida na obra dos arqueólogos G. Marsh e B. West (1981). Ao contrário de qualquer ligação com a revolta de Boudica, Geoff Marsh sugere que as condições do relevo próximo ao Walbrook, seu aspecto alagadiço, poderiam estar vinculadas à sacralidade da água nos ritos religiosos dos bretões, e que as deposições deliberadas e seletivas de crânios ao longo do rio eram um eco de tradições mortuárias “celtas” (Marsh & West, 1981, p. 91-7; Harward et al, 2015, 129-30) – tese esta também contestada uma década mais tarde por Willmott (1991, p. 170). Marsh e West analisaram os restos de crânios de 52 indivíduos em coleções de museus que advinham de outras escavações, desde o séc. XIX, e, ainda, relatos de crânios que teriam sido achados por antiquários, mas que haviam se perdido com o tempo. Grande parte dos crânios havia sido retirado durante os trabalhos nos esgotos da rua Blomfield e do subterrâneo da Finsbury House. Um aterro do período 3 do sítio E do UWVC, limítrofe com a rua Blomfield, continha um volume desproporcional de crânios, em comparação com outros ossos desarticulados encontrados no mesmo local, representando, ao menos, dez adultos e dois subadultos.

O cenário é muito mais contencioso. Jon Cotton (1996, pp. 87-83) analisou a miniatura de uma cabeça de calcário encontrada perto do Tâmesa e menciona os crânios do Walbrook como possível conexão ao culto às cabeças decepadas, ainda que, por vezes, reconheça inconsistências nos grupos achados, como nos muitos crânios da Avenida Cophall e da rua London Wall (LOW88), na City, onde também havia outros ossos desarticulados, de braço e de perna direitos. A assembleia de vestígios é fruto de uma escavação levada a cabo em 1989 na região. Na London Wall, ao todo, foram encontrados 39 crânios completos ou parciais e um fêmur direito, com predominância clara de adultos masculinos. Os crânios estavam depositados em fossos e valas. Esses achados da City foram reavaliados a posteriori e não parecem ter sido levados ao local pela correnteza do rio Walbrook. Os crânios da Avenida Cophall e aqueles da London Wall apresentavam, ainda, sinais de grande violência e poderiam estar ligados à prática da caça à cabeça decepada ou pertenceram a gladiadores derrotados no anfiteatro, próximo do local (Redfern & Bonney, 2014). A forma de deposição, a demografia e os padrões dos traumas indicam que estes últimos crânios não devem ser imediatamente associados aos esqueletos semi-articulados do UWVC (Harward et al, 2015, p. 130-31).

Não restam muitas dúvidas de que as cabeças representavam uma parte anatômica significativa nos rituais funerários romano-bretões e há sepultamentos com objetos funerários

⁷ *The Royal Commission on Historical Monuments (England)*, London: His Majesty's Stationery Office, 1928, vol. 3, Roman London.

depositados próximos ou abaixo delas. Há, ainda, exemplos de esqueletos que tiveram suas cabeças removidas e depositadas entre os joelhos, no tórax, ou aos pés do falecido. Poderiam ser casos de decapitações, embora não se possa provar. Por fim, há casos em que algumas cabeças não pertencem aos esqueletos desarticulados sobre os quais estão depositadas nas sepulturas. Não há explicações claras para tais desvios.

Voltando ao contexto do UWVC, e a respeito de processos tafonômicos potencialmente envolvidos, os autores do relatório da escavação recordam a tese que compartilham, de alguns arqueólogos do início do séc. XX que, ainda que não sabendo da existência do cemitério, já argumentavam que esses crânios eram restos de sepultamentos completos, localizados a montante do rio Walbrook, que teriam se dispersado até o local onde foram achados pela força da correnteza, movimentação essa facilitada pelo formato esférico dos crânios⁸ (Reader, 1903, p. 201). As análises dos crânios do UWVC apontam para um contexto diferenciado, complexo, mas, ao mesmo tempo, enfraquecem em grande medida as teorias do culto à cabeça decepada em Londinium (Harward et al, 2015, p. 09).

O vale superior do Walbrook parece ter sido um local marginal, à época da conquista Romana e teria havido pouco interesse em mudar esse status. O rio Walbrook, cujo local da nascente é incerto, corria no sentido norte-sul, em direção ao Tâmis, onde hoje se encontra a rua Blomfield, e era alimentado por um emaranhado de diversos outros riachos, que perfaziam rotas sazonais e instáveis (Idem, p. 14). A maior parte dos assentamentos da Londres romana se estabeleceu a leste do Walbrook, e o rio pode ter servido, no princípio, como uma espécie de fronteira natural para a cidade. O desenvolvimento de Londinium foi rápido, e logo se expandiu para o oeste do Walbrook. Os primeiros enterramentos na região do rio podem ter ocorrido em área posteriormente ocupada pela cidade, mas, após a formalização de suas fronteiras, no segundo quartel do séc. I d.C., os sepultamentos definitivamente ocorreram do lado de fora de seus limites urbanos. Como primeira atividade romana, há indícios de algum esforço dispendido para bloquear pequenos cursos d'água, para drenagem, num primeiro momento, mas os estudos hidrográficos, botânicos e entomológicos apontam que o local era ainda atravessado por vários riachos capilares quando os sepultamentos começaram, e sempre houve água no terreno em abundância. Mais ao sul do vale, em direção ao Tâmis, tais riachos e o próprio Walbrook foram intensamente utilizados pela população de Londinium, a partir de meados do séc. I d.C. (Maloney & Moulins, 1990, p. 24). Os vestígios cerâmicos encontrados na região não logram definir uma data precisa para esse início das atividades romanas no vale do Walbrook, mas os autores do relatório sugerem em torno de 50 a 70 d.C., períodos neroniano e flaviano, respectivamente (Harward et al, 2015, p. 16-22).

As primeiras inumações no UWVC teriam ocorrido entre 50 e 70 d.C., e este período inicial de sepultamentos é chamado pelos arqueólogos de período 2, de meados do séc. I d.C. até 120 d.C., aproximadamente (Idem, p. 17). Nesta fase, muitos dos enterramentos eram acompanhados por material cerâmico (Idem, p. 21). O terreno do vale do Walbrook é predominantemente de aluvião. Foram encontrados ali diversos esqueletos semi-articulados,

⁸ Idem, p. 15.

resultado de perturbações tafonômicas de natureza aquático-fluvial, como a presença de córregos ou de inundações. Os deslocamentos de ossos e marcas de contato prolongado com água ou até de submersão são comuns a várias sepulturas. Os ossos mostram sinais de polimento causado pela água, e o grau de abrasão indica, por vezes, a presença de fortes correntezas. Muitos restos ósseos, particularmente os crânios, encontram-se espalhados pelos sítios escavados, sinalizando forte erosão das paredes das sepulturas. De fato, a posição da estrada Romana (Road 1) do período 3 (120 d.C. até 200 d.C.), em comparação com o nível superior do terreno de aluvião à época em que foi construída, sugere que alguns restos mortais podiam estar visíveis para usuários do cemitério, razoavelmente acima da superfície. Desta feita, a separação entre o mundo dos mortos e aquele dos vivos não parece ter sido bem demarcada, mas, com a comprovação arqueológica da manutenção do local como cemitério até, ao menos, o período 4, essa condição também não teria sido um estorvo (Henig, 1984, p. 195). Num mundo romano onde tal separação era recomendada e desejada, a situação do UWVC pode colocá-lo em um campo de excepcionalidades.

Para os autores do relatório não é possível estimar com clareza a densidade do cemitério no período 2, tampouco a frequência das inundações. Também as datações são prejudicadas pela parca presença de moedas e de outros artefatos que possam ser aferidos cronologicamente. Da mesma maneira, a partir da disposição das covas e de sua aparentemente desorganizada distribuição não se pode afirmar se os primeiros sepultamentos indicam que a região do vale superior do Walbrook já era concebida como um cemitério oficial. Todavia, outras inumações desta época estavam tomando lugar em outros cemitérios ao longo das estradas romanas que partiam de Londinium, ao norte e a leste (Idem, p. 22-3). Não foram encontradas cremações no período 2 do UWVC, ausência que pode ser explicada pelo deslocamento causado pelos alagamentos e correntezas. Contudo, os autores ressaltam que, ao longo de todos os períodos estudados, há poucos exemplos de cremações no cemitério, a despeito desse tipo de prática funerária estar amplamente difundida no séc. I d.C na Britannia. Ainda digno de nota, no cemitério leste há razoável equilíbrio entre inumações e cremações do séc. I d.C., com certo viés de aumento à primeira prática, a partir do século seguinte. A literatura funerária romana geralmente anuncia um aumento das inumações, em detrimento das cremações, com o também aumento da influência das filosofias e religiões orientais em Roma, que preconizavam um tratamento especial ao corpo preservado (Henig, 1984, p. 190). No entanto, as atitudes dos romanos para com seus mortos sempre foram diversificadas e, no caso dos cemitérios de Londinium, ainda que as inumações também ganhassem impulso a partir do final do séc. I d.C., já estavam presentes em número significativo em meados do séc. I d.C, quando se registrava maior volume de cremações em outros locais no Império (Harward et al, 2015, p. 24).

O século II d.C. foi de expansão e consolidação de Londinium. O Fórum foi reformulado, novas termas instaladas na cidade e o anfiteatro, anteriormente de madeira, foi reconstruído em pedra. Novos palacetes foram erguidos na margem sul do Tamisa, na região da atual Southwark, e a cidade teria alcançado o número de quase 30 mil habitantes entre 100 e 120 d.C. A área imediatamente ao sul do UWVC passou por intervenções de canalização, drenagem

e de aterramento mais intensas, e também recebeu construções. Contudo, os registros das escavações arqueológicas mostram que as inundações não só permaneceram como teriam sofrido alguma agudização (Idem, p. 53). O cemitério em si esteve um pouco a montante dessas intervenções, o que pode ter ajudado a fazer daquele um local propício ao cemitério do Walbrook. Mas uma vala de 80 metros foi feita no cemitério ao início do séc. II d.C., com o propósito de drenar a área e diminuir os efeitos das inundações ali, com resultados pífios (Idem, p. 36; Ibidem). Além disso, uma série de caminhos de madeira e de cascalhos para facilitar o acesso ao terreno a partir da cidade podem ter sido construídos no séc. II d.C. apesar da ausência de indícios, nos resultados das escavações mais recentes (Idem, p. 34).

O período 3 (120 d.C. – 200 d.C.) do UWVC foi o de maior atividade, com maior quantidade de inumações e de descobertas de corpos desarticulados nos estudos arqueológicos. Foi também encontrada ao menos uma cremação (Idem, p. 48). Assim como se detectara no período 2, ainda no período 3 os arqueólogos se depararam com um grande número de sepultamentos perturbados pelos fatores tafonômicos do terreno, resultando em múltiplos esqueletos semi-desarticulados. Em um caso, em particular, parece ter havido a intenção, à época dos sepultamentos, de reinserir os crânios removidos pelas águas em suas devidas covas ou, ainda, de deliberadamente reenterrar alguns vestígios ósseos em fossos. E há outros exemplos analisados pelos autores do relatório de reenterramento após as perturbações dos corpos (Idem, p. 49). Nas escavações sob a já mencionada rua Blomfield que os arqueólogos encontraram uma proporção significativa de crânios desacompanhados de outras partes de seus respectivos esqueletos. Só ali foram achados 12 crânios, sendo 10 de adultos e 2 de subadultos. São achados assim que alimentam o chamado fenômeno dos “crânios do Walbrook” (Idem, p. 53).

A evidente fragilidade do terreno, afetado por áreas alagadiças e, a despeito disso, a sua contínua e obstinada utilização como cemitério levanta algumas questões. Por que os habitantes não se incomodaram com os efeitos das águas nos sepultamentos? Teriam tido alternativas? Seria aquele terreno alagado um local associado à sacralidade da religião dos bretões, inabalada pela presença romana na ilha? O crescimento do UWVC no período 3 deve ser compreendido in tandem com o contexto de desenvolvimento da parte sul do Walbrook e da cidade de Londinium (Idem, p. 55). No período 4 do UWVC (200 d.C. – 400 d.C.) não há registros significativos de sepultamentos, a não ser no sítio F, o que indica claro declínio no uso do cemitério. Esse período marca, ainda, uma grande transformação ambiental do local, que acaba por se transformar no paul de Moorfields, e, a partir de então, seu uso como necrópole desvanece. A região de Moorfields seria usada como depósito de dejetos ao longo da Idade Média e foi o local escolhido para os acampamentos dos desabrigados e, em seguida, para o descarte dos destroços do incêndio de 1666 (Idem, p. 73). Talvez por isso, durante o período 4, os sinais de perturbação causados pela água sejam tão exíguos. A despeito disso, há um volume considerável de ossos desarticulados, que também podem ser resquícios das erosões de covas do período 3 (Idem, p. 62-7). Prevalece então a ideia de que a construção do muro ao redor de Londinium – entre 190 e 230 d.C. (Idem, p. 55; Perring, 1991, p. 92) – em muito contribuiu para a derradeira transformação da região do vale superior do Walbrook

num pântano, ainda que tenham sido construídos alguns canais de escoamento da água à época. O processo pode ter sido relativamente lento, pois o local continuou, ainda que muito reduzidamente, a ser utilizado como cemitério por algum tempo, no período 4. As atividades de extração mineral para material de construção na região também teriam prejudicado o escoamento da água (Harward et al, 2015, 68-75). Seja como for, o declínio do UWVC no período 4 não está, aparentemente, associado à construção do muro, mas à deterioração da condição do solo, pois os outros terrenos ao redor da cidade usados como cemitérios não sofreram qualquer redução nas frequências dos enterramentos. As maiores erosões dos sepultamentos aconteceram no período 3 e não foram, portanto, resultado das construções dos canais de escoamento através do muro de Londinium ou da transformação posterior do terreno num paul, no período 4 (Idem, p. 77-8).

Pressupõe-se que as águas do Walbrook nunca chegaram a ser utilizadas para o consumo humano, pois estavam associadas à poluição oriunda dos curtumes e dos sepultamentos, rio acima. Apesar deste dado, os arqueólogos encontraram no sítio B um poço com revestimento em madeira. Se não para a obtenção de água potável, o que não se pode descartar de imediato, teria alguma função ritualística? Há registros de outros poços votivos na Britannia, conforme mencionado acima, construídos próximos a pontos de água corrente (Salway, 1993, p. 473). No caso do UWVC, se apenas a água fosse o elemento necessário aos rituais, ela poderia ser colhida dos córregos da região, e não teria a necessidade de se construir um poço. E ainda que um poço pudesse prover um suprimento contínuo de água, o uso ritualístico parece ser o mais sedutor, dado o contexto do local como cemitério (Harward et al, 2015, 78). Em contrapartida, não há, contudo, registro de muitos poços em outros cemitérios ao redor de Londres. Ainda, conforme apontado, a disposição do relevo no qual estava inserido o UWVC no período 3, no auge de seu uso, teria permitido aos frequentadores do cemitério ver os restos dos corpos em putrefação acima da superfície. Esperar-se-ia que isso fosse contencioso, o que não parece ter sido o caso. Este fato, associado ao poço encontrado e a outros fatores, podem conduzir à dedução de que o cemitério do Walbrook teria sido um local específico, destinado a práticas e rituais próprios. Ou, ainda, destinado a pessoas específicas (Idem, p. 80, minha ênfase).

Já vêm de longa data os estudos arqueológicos e antropológicos a respeito dos cemitérios como fonte de informações das sociedades que os construíram e gerenciaram (Carr, 1995, p.190). O caso de cemitérios criados a fim de acomodar grupos particulares pode revelar dados fundamentais para entender como a sociedade organizava seus componentes e como encaravam a morte e a vida. Não há uma clara ou imediata ligação entre os rituais funerários e o status social dos vivos (Harward et al, 2015, p. 105), mas, justamente quando estão marcadas tais diferenças entre as formas de viver e de morrer, elas permitem entrever as fissuras ideológicas e sociais nos grupos. No caso do UWVC, os enterramentos em zonas ripárias parecem indicar um elemento de diferenciação dos outros cemitérios existentes então ao redor de Londres.

Apesar de algumas oscilações, a maior parte das inumações do UWVC seguia o alinhamento leste-oeste, independentemente da faixa etária ou do sexo, com os crânios apontando para uma direção ou outra. É possível que tal alinhamento tivesse sido inspirado

em função de algum marco no relevo, como uma vereda (talvez a Road 1) ou algum riacho adjacente (Idem, p. 81). Não há muitos casos de sobressepultamentos, o que leva a pensar na existência de formas de marcações para as sepulturas, embora apenas uma lápide tenha sido encontrada por antiquários, na área do parque Finsbury Circus, em 1837.⁹ Não há certeza do contexto arqueológico do artefato, contudo. A ausência de lápides no Walbrook não é um fenômeno excepcional, pois não há muitas entre as assembleias arqueológicas dos cemitérios da província da Britannia, como um todo (Ibidem; Jones 1993, p. 430).

Os corpos inumados no UWVC haviam sido sepultados, em sua maioria, em posição de decúbito dorsal, corpos estendidos, com apenas uma dezena apresentando flexão dos joelhos. Ainda quanto às posições dos corpos, mais significativos são os dois exemplos de inumações em decúbito ventral, um do período 2 e outro do 3. Um deles, o do período 3 (Bu76), seguramente do sexo masculino, estava posicionado próximo a outro indivíduo (Bu75), que pode ter sido decapitado, e ainda a outro (Bu73), que tinha ao redor do calcanhar um pesado anel de ferro. Tais enterramentos, tidos como fora do comum, em conjunto às outras circunstâncias associadas ao relevo alagadiço do vale do Walbrook, aumentam a possibilidade de aquele cemitério ter sido destoante dos padrões de enterramento na Britannia. Enquanto não há uma explicação convincente para os sepultamentos em pauta, especula-se que tal posição era reservada aos indivíduos que teriam, potencialmente, se comportado com alguma espécie de desvio social quando em vida, sendo considerados párias (Philpott, 1991, p. 232). O Bu76 não apresentava qualquer sinal de restrição física em seu esqueleto, ou de punição, e tampouco há no UWVC número suficiente de sepultamentos em prona para analisá-los comparativamente aos outros casos encontrados na Britannia. No caso do Bu75, um homem adulto, o fato de o crânio ter sido propositadamente depositado aos seus pés parece sugerir uma decapitação. Mas não se sabe, até o momento, se a cabeça pertence ao corpo da sepultura em questão, e nem há qualquer marca clara de corte da vértebra presa ao crânio (Harward et al, 2015, p. 148-9). O crânio pode ter sido deslocado para aquela cova pelas águas, ou reenterrado por alguém à época. Em estudos a respeito de outros exemplos de possíveis decapitações nos cemitérios bretões, nota-se uma presença discreta, e sem aparente padronização da prática, em movimento de difusão do meio rural ao urbano, ao menos até meados do séc. IV d.C. (Idem, p. 94-5). Haveria aqui alguma ligação ao chamado "culto à cabeça decepada"?

O caso dos dois indivíduos com anéis de ferro presos aos calcanhares – no caso de um deles (Bu73), em apenas um dos calcanhares, o esquerdo – é o mais enigmático. Os anéis de ferro, de pequeno diâmetro, não têm abertura alguma e nem sinais de terem sido ligados a correntes. Uma força considerável teria de ser usada para encaixá-los nos corpos, se colocados na idade adulta. Não há sinais de danos ósseos na perna esquerda do Bu73. Em um dos casos (Bu30), dois anéis maciços foram encontrados, unidos, restringindo as duas pernas, portanto. Ainda, as duas mãos do indivíduo estavam sob a pélvis, indicando que pudessem estar amarradas com algum material que não teria sobrevivido ao tempo, talvez. Os anéis poderiam simbolizar uma forma de punição ou de servidão, em vida ou na morte, mas é importante lembrar que o

⁹ RIB 1 (Roman Inscriptions of Britain), n. 22. Disponível em: Collingwood & Wright, 1965.

ferro era um metal muito caro à época na Britannia, sendo comumente reciclado. Seu uso, se ornamental, poderia indicar algum status social privilegiado (Ibidem). A proximidade física dos sepultamentos desses indivíduos, separados em aproximadamente 15 metros uns dos outros, chama a atenção. Por fim, há no UWVC quatro fêmures humanos com marcas de cortes que parecem indicar que passaram por descarnação (despostejamento) post-mortem, o que pode indicar um ritual não especificado ou, até, a remoção de carne para canibalismo (Idem, p. 106). Do ponto de vista demográfico, nas inumações, há um número maior de indivíduos masculinos no UWVC, o que não destoa de outros cemitérios da Britannia (Idem, p. 108). Também não há distorções dignas de nota nas faixas etárias, quando comparadas aos outros cemitérios bretões.

Algumas questões a serem consideradas

O mais evidente no caso do UWVC é a condição alagadiça do terreno, com tantos corpos d'água na região escolhida como cemitério. Estaria o local associado ao mundo do divino? É certo que as perturbações que as águas causavam às sepulturas eram conhecidas. Na tradição historiográfica da Britannia, algumas divindades locais e alguns rituais são associados às fontes de água na Idade do Ferro e em período romano, inclusive a exposição de corpos às intempéries ou sua deposição em rios (Salway, 1993, p. 473-4). Corpos que teriam sido propositadamente depositados em poços e turfeiras nos diversos períodos, pré-histórico, pré-romano e romano-bretão, todos contextos aquáticos que também favoreceriam o rápido dismantelamento das sepulturas, na ocorrência de algum eventual movimento das águas (Pearce, 1999, p. 121; Taylor, 2002, p. 25; Bevan, 1999, p. 90; Esmond-Cleary, 2000, p. 135). Não obstante, não há estudos pormenorizados de depósitos humanos especificamente em rios e córregos, ou às suas margens, condição mais próxima ao contexto do UWVC, que se torna, desta feita, um exemplar sem outros paralelos na literatura arqueológica que trata dos rituais mortuários da Britannia (Harward et al, 2015, p. 126). Teriam tais tradições ritualísticas se mantido intactas após 43 d.C.?

Ao insinuarmos alguma transformação religiosa dos costumes bretões com a chegada dos romanos à ilha, imiscuímo-nos, de certo modo, no campo da "romanização", um conceito desgastado, já bem discutido alhures, de complexa definição e dúbia aplicação (Hingley, 2000; Revell, 2009). Pode-se pensar, contudo, que a chamada "influência romana" nos ritos não tenha sido significativa, ao final. Ou, ainda, que tenham surgido formas híbridas e/ou adaptativas de ritos mortuários. Londinium foi um centro comercial de criação romana, mas lá chegavam imigrantes de várias partes do Império Romano, um público etnicamente diversificado, com culturas próprias, e tal polissemia deve ser computada nas análises dos rituais mortuários encontrados ao redor da cidade. Que a água estivesse presente em abundância no UWVC pode significar algum desejo específico de enterrar os corpos próximos de rios e valas alagadas, mas é o efeito secundário de tal prática que acaba por causar certa espécie entre os arqueólogos: os muitos e constantes (e visíveis) deslocamentos dos restos mortais, carregados de suas

sepulturas pelas correntezas. São essas perturbações, supostamente tafonômicas, que o relatório do UWVC julga ser determinantes, em especial, por apresentarem material que servirá a uma plausível solução ao enigma dos crânios do Walbrook (Harward et al, 2015, p. 124).

Tendo a questão dos crânios como foco, mais atenção foi dispendida aos sepultamentos do cemitério do Walbrook que apresentavam esqueletos desarticulados. Dos sítios A ao D, mais de 243 fragmentos ósseos desarticulados foram recuperados, e mais de 1358, da mesma natureza, dos sítios E e F. O número específico de indivíduos não fica de todo claro, mas há detalhes no relatório que apontam para algumas centenas no total. Todavia, não caberiam aqui os dados estatísticos detalhados, constantes do relatório. Do período 1, pré-romano, os restos desarticulados seriam de três adultos, masculinos, com idade entre 18 e 25 anos. Do período 2 (43 d.C. – 120 d.C.), fragmentos de fêmures de ao menos dois indivíduos foram achados num riacho aterrado, com sinais de oxidação ferruginosa característica de imersão prolongada em água. A parte mais significativa dos esqueletos desarticulados vem do período 3 (120 d.C. - 200 d.C.): ao menos dois corpos neonatais, e por volta de 42 adultos, sendo 21 homens e oito mulheres, o restante, sem sexo identificado. Do período 4 (200 d.C. – 400 d.C.), um total de ao menos oito esqueletos adultos e de seis subadultos desarticulados foram achados. Além dos elementos datados, há outros vestígios sem cronologia específica, num total de 14 indivíduos (Ibidem).

Como mencionado acima, não se encontram muitos paralelos à situação do UWVC nos estudos a respeito das deposições ritualísticas de corpos em áreas alagadiças na Britannia. Um local onde se poderia encontrar padrão semelhante de dispersão dos restos de esqueletos desarticulados e, no caso, com forte suspeita de atividade ritualística, seria o sítio arqueológico de Moor House (MRL98), um pouco a oeste do UWVC. No local, centenas de esqueletos desarticulados foram achados, mas não teria sido ali um cemitério em época romana e os corpos parecem ter sido levados para lá pela ação tafonômica das águas dos canais de drenagem do Walbrook. Um dos achados mais instigantes é o do corpo de mulher, deslocado pelas águas, que teria sofrido erosão subaquática semelhante àquelas do UWVC. Acredita-se que possa haver algum elemento ritualístico nesse sepultamento de Moor House, porque o corpo está acompanhado por um crânio de cavalo (Butler, 2006). Todavia, não há indícios de casos semelhantes na região de Londinium e o uso ritualístico de corpos de cavalos não está estabelecido na literatura arqueológica dos outros cemitérios ou locais de práticas mortuárias da cidade (Harward et al, 2015, p. 131). Ainda, não há nas escavações do UWVC elementos arqueológicos suficientes para sustentar alguma aproximação entre práticas religiosas, específicas ou genéricas, e os enterramentos lá encontrados. Mesmo os casos fora do padrão não indicam religiosidades conhecidas e, tendo esses “desvios” em mente, os autores do relatório concluem que:

O número pequeno, mas significativo de enterramentos ‘desviantes’ dos sítios estudados pode sustentar a visão de que a área foi escolhida, não por razões de crença religiosa, mas por um desejo ou uma necessidade de sepultar os mortos em uma área impopular ou raramente visitada

(Harward et al, 2015, p. 127).¹⁰

A arqueóloga Natasha Powers, uma das autoras do relatório, avaliou a literatura forense, a fim de compreender os efeitos tafonômicos da erosão fluvial nos corpos. Os estudos apontam que os tecidos moles se despregarão primeiro dos locais onde são mais finos, como nas mãos e partes inferiores das pernas, e que tais segmentos se separarão do torso em uma ordem sequencial previsível: as mãos e pulsos, pés e calcanhares, mandíbulas e crânios, seguidos de pernas inferiores, braços e antebraços (Haglund & Sorg, 2001, p. 208). Se um corpo é imerso em água, íntegro ou antes da putrefação, ele afundará e, se livre de obstáculos, será levado pelas correntezas, até que os gases da decomposição o façam emergir. Após esse momento, partes do corpo e, depois, ossos individuais serão transportados rio abaixo. Vários fatores, como temperatura e composições químicas e biológicas das águas, e suas variáveis, impedem determinar com precisão o tempo para o início de tais desarticulações. No caso do UWVC, não se sabe ainda se os corpos estavam vestidos, ou em que estado de decomposição já estariam quando sepultados, presume-se, em áreas ainda não totalmente tomadas pelas águas. É fato que alguns esqueletos apontam para algum grau de desarticulação no momento da inumação. Quanto aos crânios, dado seu formato esférico, podem ser carregados por grandes distâncias em correntes d'água, flutuando ou rolando pelos leitos aquáticos. O rio Walbrook parece ter tido momentos de águas mais calmas e volumosas, e outros de maior estreitamento e maior velocidade. A maior parte dos ossos não esferoidais seria depositada no fundo, coberta, então, por sedimentos, perdendo, assim, muito de sua mobilidade. Etnia, sexo ou massa corpórea não afetam significativamente as distâncias de deriva. Muitos dos ossos desarticulados apresentavam manchas de oxidação consistentes com imersão prolongada ou repetida, e alguns com resquícios de vivianite (um fosfato de ferro de cor azulada, formado em ambientes anaeróbicos). Os ossos também apresentam marcas de polimento aquático (Harward et al, 2015, p. 127-8).

Nas estatísticas das partes dos esqueletos mais encontradas nos depósitos, os crânios se sobressaem, seguidos pelos ossos inferiores, como fêmures, tíbias e fíbulas (Idem, p. 129). Uma reavaliação feita em 2010 de 33 dos crânios estudados por Marsh e West nos acervos dos museus e publicados em 1981 não conseguiu determinar se os vestígios haviam sido depositados separadamente nos córregos como se pensava ao início, e ao menos 10 por cento dos crânios mostravam sinais de que haviam sido depositados originalmente com as mandíbulas e/ou com o restante dos seus respectivos esqueletos (Idem, p. 131-2).

As análises forenses finais do relatório indicam que os vestígios de crania do UWVC são resultados do deslocamento dessa parte da anatomia para longe do restante dos corpos aos quais pertenciam, que ficaria retido rio acima, enquanto os crânios rolariam ou flutuariam rio abaixo (Ibidem). Essa a dinâmica. Um dos argumentos utilizados para refutar tal movimento tafonômico como explicação para o número de crânios e outros ossos desarticulados se

¹⁰ *The small but significant number of 'deviant' burials from the study sites might support the view that the area was chosen nor for reasons of religious belief but due to a desire or need to bury the dead in an unpopular or rarely visited area.* Tradução do autor.

arvorava no aspecto social do cenário potencialmente lóbrego: corpos sendo deslocados de seus sepultamentos para o interior do rio, e cabeças rolando rio abaixo, rio poluído pelos restos mortais, etc. No entanto, parece ter sido exatamente esse o caso, sem que o uso do cemitério tenha sofrido qualquer interrupção. De fato, não se descarta a hipótese de tais visualizações, aos nossos olhos modernos e ocidentais tão tétricos, esperadas e veneradas à época ou, ainda, que o deslocamento pós-inumação fosse justamente parte de alguma prática funerária em ação no UWVC. Seja como for, a documentação textual não indica que tal comportamento funerário seria de todo bem aceito pela sociedade romana tradicional. De forma geral, os corpos deveriam ser preservados para as visitas dos parentes e amigos nas datas festivas, como a *parentalia*, em fevereiro, ou nos aniversários da morte do indivíduo (Henig, 1984, pp. 194-5). No entanto, podemos aqui estar falando da permanência de uma tradição funerária anterior aos romanos. No período da Idade do Ferro Tardio, a deposição de corpos em rios ou em locais onde se decomporiam ao ar livre sempre foi uma possibilidade interpretativa (Salway, 1993, p. 474).

Retomando alguns aspectos já tratados nesta revisão, de acordo com o relatório das escavações do UWVC, os corpos putrefatos estavam bem visíveis acima da superfície pelas famílias enlutadas ou por outros frequentadores do local e, ademais, o rio Walbrook jamais teria sido pensado como fonte de água potável para os habitantes de Londinium (Harward et al, 2015, p. 132). Assim, o volume das peças nos acervos museológicos, utilizado nas pesquisas até o momento e a dinâmica de deslocamento dos crânios no Walbrook teriam ajudado a substanciar a impressão de desproporcionalidade dessa parte do esqueleto em comparação a outras. Com a reavaliação dos primeiros trabalhos da década de 1980, também não se nota qualquer excesso na representação de crânios masculinos no caso do UWVC, como se pensava ser o caso antes da finalização do relatório atual (Ibidem).

Considerações para futuros debates

O UWVC foi deliberadamente criado em área alagadiça pelas autoridades romanas de Londinium. Não precisavam daquele espaço para isso, pois havia outras opções à disposição, não saturadas e melhores, mas lá tentaram, inclusive, pôr em prática técnicas de escoamento e drenagem da água. Os enterramentos aconteceram naquele terreno notadamente instável, e as perturbações nos corpos dos mortos eram visíveis aos frequentadores. Não se importaram ou não teriam tido alternativa. Tampouco há claras motivações religiosas. Pode haver algo de idiossincrático no UWVC, ou poderiam estar em ação mecanismos mais mundanos do que se pode pressupor. A construção de obras e a instalação de indústrias de curtume naquela região podem estar ligadas à simples exploração e à especulação imobiliária, ao uso de terras privadas, estando o cemitério também envolvido, de alguma forma. Estudos comparativos não são adequados, pois não há outros exemplos de escavações em cemitérios romanos em condições de relevo tão dramáticas, e as reais motivações para a criação e para o uso contínuo



do UWVC em tal precariedade, por tanto tempo, continuam sendo um mistério (Idem, p. 135).

Todavia, os resultados do relatório apresentam explicações convincentes para a presença de boa parte dos aglomerados de crânios encontrados ao longo do trajeto do Walbrook. As análises tafonômicas do comportamento de crânios em locais semelhantes ao do UWVC oferecem instrumentos teóricos que podem ser aplicados aos achados contemplados antes da conclusão do relatório e mudam, potencialmente, suas interpretações. O componente tafonômico não pode mais ser tido como mero coadjuvante, e passa a ser a principal interpretação para as ocorrências de crânios no Walbrook. Conclui-se, também, que quase todos os crânios encontrados na Moor House podem ser relacionados a esqueletos sepultados na região do UWVC, que teriam se deslocado pelas correntezas presentes nas galerias de escoamento criadas pelos gestores das obras de drenagem (Idem, p. 133).

Mas há limites às revelações do relatório. Um deles, reconhecido pelos próprios autores, diz respeito aos crânios achados na avenida Copthall e na rua London Wall, conhecidos, de forma geral, por sua localização de código postal LOW88. Os resultados foram avaliados em 2014 pelas arqueólogas forenses Rebecca Redfern e Heather Bonney, em um artigo publicado no *Journal of Archaeological Science*. Localizados rio abaixo, a demografia, a forma de deposição e a condição física dos crânios ali encontrados não parecem permitir encaixá-los na solução tafonômica trazida pelo relatório do UWVC. As escavações do LOW88 começaram em 1989, em um canal do Walbrook, e um novo exame dos achados encontrou 39 crânios inteiros ou parciais e um fêmur direito. O local estava dentro da cidade de Londinium. A maioria dos restos humanos pertencia a esqueletos masculinos, adultos, entre 18 e 35 anos, também na maioria dos casos. Os crânios tinham, cada um, ao menos uma marca de trauma, muitos peri-morte, enquanto outros eram ante-morte, com ferimentos já cicatrizados. Os exames de C14 indicam que pertenceriam ao final do século I d.C, e meados do séc. II, na maior parte das vezes.

Embora seja complicado estabelecer com clareza, em todos os momentos, se os traumas aos crânios foram resultado de danos tafonômicos ou de violência, os estudos sugerem que aqueles indivíduos sofreram algum tipo de morte violenta, pois há indícios de decapitação em alguns crânios. Redfern e Bonney concluem que os crânios do LOW88 não se enquadram nos parâmetros de outros achados de crânios do Walbrook, e podem ter pertencido a gladiadores derrotados no anfiteatro romano, que ficava nas proximidades da London Wall (Idem, p. 130-1). O local dos depósitos cranianos pode ter sido uma espécie de cemitério clandestino, talvez por isso dentro da cidade, e voltado àqueles homens que, embora famosos, eram considerados de vida infame, e poderiam ter sido excluídos de sepultamentos mais tradicionais nos cemitérios da cidade. Também o aspecto votivo do Walbrook não pode ser descartado, assim como a prática de caça às cabeças daqueles indivíduos que pereceram na arena. As análises de Redfern e Bonney ajudam a demonstrar que as questões relativas aos depósitos de crânios do Walbrook não se esgotam no relatório do UWVC, e apontam para um cenário ainda muito complexo, no qual persistem muitas perguntas. Os crânios do LOW88 ficam para outras e futuras reflexões, e presume-se que os crânios do Walbrook continuarão a gerar manchetes.

Referências Bibliográficas

- ARMIT, Ian. Inside Kurtz's Compound: Headhunting and the Human Body in Prehistoric Europe. *BAR series 1539*. Oxford: Archaeopress, p. 1-14, 2006.
- BEVAN, Bruce. The landscape context of the Iron Age square barrow burials East Yorkshire. In: DOWNES, Jane & POLLARD, Tony. *The loved body's corruption: archaeological contributions to the study of human mortality*. Glasgow, p. 69-93, 1999.
- BUTLER, Jonathan. *Reclaiming the Marsh: Archaeological Excavations at Moor House, City of London, 1998-2004*. Londres: PCA Monograph Series, 2006.
- CARR, Christopher. Mortuary practices: their social, philosophical, religious, circumstantial and physical determinants. *Journal of Archaeological Method and Theory*. S/l, v. 2, n. 2, p. 105-220, jun.1995.
- COLLINGWOOD, Robin George & WRIGHT, Richard. *The Roman Inscriptions of Britain: Inscriptions on Stone*. Vol. 1. Oxford: OUP, 1965.
- COLLIS, John. *The Celts: Origins, Myths and Inventions*. Stroud: R.U. Tempus, 2003. 256p.
- COOLEY, Alison. *The Cambridge Manual of Latin Epigraphy*. New York: Cambridge, 2012. 554p.
- CORNELL, Tim. (Org.) *The Fragments of the Roman Historians: Introduction*. Vol. 1. Oxford: OUP, 2013. 662p.
- COTTON, Jon. A miniature chalk head from the Thames at Battersea and the 'cult of the head'. In: BIRD, Joanna; HASSAL, Mark & SHELDON, Harvey (Orgs.). *Interpreting Roman London: Papers in memory of Hugh Chapman*. Oxford: Oxbow Monograph, p. 85-96, 1996.
- ESMOND-CLEARLY, S., Putting the dead in their place: burial location in Roman Britain. In: PEARCE, J, MILLETT, M, STRUCK, M, (Org.). *Burial, society and context in the Roman world*. Oxford: Oxbow Books; 2000. P. 127-142, 2000.
- HAGLUND, William & SORG, Marcella. Human remains in water environments. In: _____ (Org) *Advances in forensic taphonomy: method, theory and archaeological perspectives*. Boca Raton: CRC Press, p. 202-16, 2001.
- HARWARD, Chiz; POWERS, Natasha & WATSON, Sadie. *The Upper Walbrook valley cemetery of Roman London*. Excavations at Finsbury Circus, City of London, 1987-2007. Londres: MOLA Monograph 69, 2015. 215p.
- HENIG, Martin. *Religion in Roman Britain*. Londres: BT Batford, 1984. 263p.
- HINGLEY, Richard. *Roman Officers and English Gentlemen: the imperial origins of Roman Archaeology*. Londres: Routledge, 2000. 224p.
- JONES, R., Backwards and Forwards in Roman Burial. *Journal of Roman Archaeology* 6, p. 427-33, 1993.

- LAING, Lloyd. *Celtic Britain*. Londres: Paladin, 1981. 190p.
- LAMBERT, Frank. Some recent excavations in London. *Archaeologia*. Londres, v. 71, p. 55-112, 1921.
- MARSH, Geoff & WEST, Barbara. Skullduggery in Roman London? *Transactions of the London and Middlesex Archaeology Society*. Londres, v. 32, p. 86-102, 1981.
- MATTINGLY, David J. *An Imperial Possession: Britain in the Roman Empire*. Londres: Penguin Books, 2006/7. 640p.
- PEARCE, Richard. *Case studies in a contextual archaeology of burial practice in Roman Britain*. Thesis (Doctorate in Philosophy) Department of Archaeology, Durham University, Durham, 1999. 604p.
- PERRING, Domenic. *Roman London*. Londres: Taylor & Francis e-Library, 1991. 150p.
- PHILPOTT, Robert. *Burial practices in Roman Britain: a survey of grave treatment and furnishing AD 43-410*. British Archaeological Reports 219. Oxford: BAR Publishing, 1991. 472p.
- PINTO, Renato & RANGEL, Liszt. Aspectos dos "bog bodies" e do "culto da cabeça decepada" na Bretanha pré-histórica e romana". *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 155-84, 2014.
- READER, Francis. Pile structures in the Walbrook near London Wall. *The Archaeological Journal*. Londres, v. 60, p. 137-212, 1903.
- REDFERN, Rebecca & BONNEY, Heather. Headhunting and amphitheatre combat in Roman London, England: new evidence from the Walbrook Valley. *Journal of Archaeological Science*. V. 43, p. 214-226, mar.2014.
- REECE, Richard. (Ed.). *CBA Research Report 22: Burial in the Roman World*. Londres: The Council for British Archaeology, 1977. 66p.
- REVELL, Louise. *Roman Imperialism and Local Identities*. Cambridge: CUP, 2009. 240p.
- SALWAY, Peter. *Roman Britain*. Oxford: OUP, 1984. 864p.
- _____. *The Oxford Illustrated History of Roman Britain*. Oxford: OUP, 1993. 604p.
- TAYLOR, Timothy. *The buried soul: how humans invented death*. London, 2002. 353p.
- TOYNBEE, Jocelyn. *Death and burial in the Roman World*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 1971. 336p.
- WILLMOTT, Tony. *Excavations in the middle Walbrook valley, 1927-1960*. Londres: London Middlesex Archaeological Society, 1991. 189p.

Recebido em: 07 de agosto de 2017.

Aprovado em: 25 novembro de 2017.

